

# O ADOECIMENTO MATERNO EM CONTEXTO DE CRIANÇAS ATÍPICAS: UMA ANÁLISE DA PRESSÃO SOCIAL E PSICOLÓGICA

## MATERNAL ILLNESS IN THE CONTEXT OF ATYPICAL CHILDREN: AN ANALYSIS OF SOCIAL AND PSYCHOLOGICAL PRESSURE

Werlan Moraes da Silva 1

Jorlan Lima Oliveira 2

**Resumo:** Este estudo analisa os impactos físicos e mentais em mães de crianças com desenvolvimento atípico, destacando como principais fatores de risco a pressão social, a sobrecarga de cuidados e a falta de apoio. Além do mais, se discute sobre as consequências desse adoecimento no vínculo materno-infantil e no desenvolvimento da criança, especialmente em casos de Transtorno do Espectro Autista e apresenta estratégias de enfrentamento e políticas públicas necessárias. A metodologia baseia-se em uma revisão sistemática, que evidencia elevados níveis de estresse, ansiedade e depressão nessas mães, agravados pelo estigma e pela dupla jornada. A discussão aponta que o apoio familiar, grupos de pares e intervenções psicológicas são fundamentais para mitigar esses efeitos. Conclui-se que o bem-estar materno é crucial para o desenvolvimento infantil, exigindo ações integradas que reduzam a sobrecarga e promovam redes de apoio.

**Palavras-chave:** Saúde mental materna. Desenvolvimento atípico. Suporte Psicológico.

**Abstract:** This study examines the physical and mental impacts on mothers of children with atypical development, highlighting social pressure, caregiving overload, and lack of support as primary risk factors. It aims to identify the consequences of this health deterioration on the mother-child bond and child development, particularly in cases of Autism Spectrum Disorder, while discussing coping strategies and necessary public policies. The methodology is based on a systematic review, which reveals high levels of stress, anxiety, and depression among these mothers, exacerbated by stigma and dual work-family responsibilities. The discussion indicates that family support, peer groups, and psychological interventions are essential to mitigate these effects. The study concludes that maternal well-being is crucial for child development, requiring integrated actions to reduce caregiver burden and promote support networks.

**Keywords:** Maternal mental health. Atypical development. Psychological support.

1 Graduando no 5º período do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) - Campus Araguatins, membro do Grupo Latinoamericano de Estudos Históricos e em Educação (GLEHE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6643447242512938>. E-mail: werlanmoraes@unitins.br.

2 Professor orientador: Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia - UNIFESSPA, professor do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins - UNITINS/ Campus Araguatins, membro do Grupo Latinoamericano de Estudos Históricos e em Educação (GLEHE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2133566576133890>. E-mail: jorla.lo@unitins.br

## Introdução

A maternidade é reconhecida como uma fase transformadora na vida das mulheres, marcada por desafios e recompensas. No entanto, quando se trata de mães de crianças com desenvolvimento atípico, essa experiência assume contornos ainda mais complexos. Fernandes (2024) destaca que essas mulheres enfrentam demandas intensivas de cuidado, frequentemente acompanhadas por estigma social e dificuldades no acesso a serviços especializados.

Estudos demonstram que essas mães apresentam maior prevalência de transtornos mentais em comparação com mães de crianças com desenvolvimento típico. Rodrigues (2012) identificou taxas elevadas de ansiedade e depressão nesse grupo, enquanto Pinheiro (2023) descreveu o processo de recebimento do diagnóstico como um momento de intenso sofrimento emocional, comparável a um processo de luto.

A sobrecarga vivenciada por essas mães é multifatorial. Cavalcante (2023) ressalta a dupla jornada enfrentada, que combina as demandas do cuidado com a busca por inclusão social. Biasi (2023) complementa essa perspectiva ao destacar as dificuldades econômicas frequentemente enfrentadas, que agravam a situação de vulnerabilidade.

No âmbito das estratégias de enfrentamento, Smeha (2011) identificou a importância das redes de apoio familiar como recurso fundamental. Nascimento (2015), por sua vez, demonstrou a eficácia de grupos de pares no auxílio ao enfrentamento das adversidades.

Esta revisão sistemática tem como objetivo geral compreender os processos de adoecimento físico e mental em mães de crianças com desenvolvimento atípico. Partindo desse contexto, como objetivos específicos têm-se: identificar as principais fontes de pressão social e psicológica percebidas pelas mães; avaliar o impacto do adoecimento materno no desenvolvimento da criança e identificar as estratégias de enfrentamento mais utilizadas pelas mães para lidar com o estresse e o adoecimento.

A relevância do estudo justifica-se pela necessidade de ampliar a compreensão sobre essa realidade específica, visando subsidiar ações que promovam melhor qualidade de vida para essas mães e suas famílias. Costa (2017) demonstrou que o bem-estar materno está diretamente relacionado ao desenvolvimento saudável da criança, reforçando a importância social desta investigação.

## Metodologia

Para investigar o adoecimento materno no contexto do desenvolvimento atípico, optou-se pela revisão sistemática como abordagem metodológica, por sua capacidade de fornecer análises rigorosas e reprodutíveis. Nas palavras de Gil (2017, p. 71), “o método sistemático de revisão destaca-se por sua objetividade na seleção de estudos, critérios explícitos de avaliação e síntese estruturada do conhecimento, aspectos fundamentais para pesquisas que demandam alto grau de confiabilidade”.

Esta escolha metodológica se justifica especialmente pela natureza complexa do fenômeno estudado, que envolve: (a) a integração de evidências multidisciplinares sobre saúde mental materna; (b) a análise crítica de fatores de risco psicossociais; e (c) a sistematização de estratégias de enfrentamento documentadas na literatura científica.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender os processos de adoecimento físico e mental em mães de crianças com desenvolvimento atípico, buscando identificar os fatores de risco associados à pressão social e psicológica e as estratégias de enfrentamento utilizadas por essas mulheres. Para alcançar este objetivo, será realizada uma revisão sistemática da literatura.

A pergunta de pesquisa que norteará a revisão será: “Quais são os fatores de risco associados ao adoecimento físico e mental em mães de crianças com desenvolvimento atípico e quais as estratégias de enfrentamento utilizadas por essas mães?”.

Foram incluídos estudos que: Apresentem dados primários sobre a experiência de mães de crianças com desenvolvimento atípico; discutam aspectos relacionados à saúde mental materna, pressão social e psicológica; tenham sido publicados em periódicos científicos indexados nos últimos 10 anos.

Foram excluídos estudos que sejam metanálises e que não apresentem dados quantitativos ou qualitativos originais. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: SciELO e periódico da Capes. As plataformas foram utilizadas para a coleta dos artigos durante o mês de fevereiro de 2025. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave e seus sinônimos: “adoecimento materno”, “crianças com desenvolvimento atípico”, “pressão social”, “pressão psicológica”, “saúde mental materna”, “mães de crianças especiais”, “apoio social”.

Os resultados dos estudos foram sintetizados de forma narrativa, identificando os principais achados, as divergências e as lacunas na literatura. Foi realizada uma análise temática dos dados para identificar os temas emergentes e as categorias relevantes para responder à pergunta de pesquisa.

Seguindo os protocolos de revisão sistemática, cada artigo selecionado foi submetido a uma análise detalhada, com o objetivo de extrair dados relevantes para responder à pergunta de pesquisa. A seleção dos estudos foi realizada de forma rigorosa, com base em critérios pré-definidos, e a avaliação da qualidade metodológica dos estudos foi realizada para garantir a confiabilidade dos resultados.

A presente revisão sistemática visa contribuir para o avanço do conhecimento sobre o adoecimento materno em contexto de crianças com desenvolvimento atípico, identificando os fatores de risco e as estratégias de enfrentamento mais eficazes. Os resultados desta pesquisa poderão subsidiar a elaboração de políticas públicas e programas de intervenção direcionados a essas mães, promovendo a melhoria da sua qualidade de vida e o bem-estar de suas famílias.

## **Fontes de pressão social e psicológica percebidas pelas mães atípicas**

Estudos demonstram que mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista frequentemente vivenciam um processo diagnóstico marcado por desafios, incluindo a escassez de profissionais especializados e longos períodos de incerteza. Essa jornada é acompanhada por intensa angústia, sendo comum o relato de preocupações quanto ao futuro dos filhos, especialmente sobre quem poderá assumir seus cuidados em caso de falecimento materno, o que constitui uma significativa fonte de estresse psicológico (Schmidt e Bosa, 2021).

Corroborando com isso, Kintope *et al.* (2020), levanta uma discussão sobre os vários desafios que a maternidade impõe para as mulheres e como esses desafios se duplicam quando se trata de crianças neuro divergentes, de modo que se sentem frustradas por estarem tão sobrecarregadas que não conseguem nem mesmo cumprir seus deveres como mãe.

Kintope (2020) ainda reforça a ideia que é imposta a essas mães quando perdem parte de sua identidade e passam a ser conhecidas apenas como “mãe de fulano”, onde, como já dito anteriormente, podem acabar perdendo parte de sua identidade.

O processo de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é vivenciado pelas mães como uma jornada marcada por angústias, especialmente devido à escassez de profissionais especializados e à incerteza sobre o futuro da criança. Muitas relatam o medo constante de não haver suporte adequado para seus filhos após sua morte, o que intensifica a sobrecarga emocional (Schmidt; Bosa, 2021, p. 45).

Biasi (2023) levanta uma questão sobre o caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista, a autora reforça que são as mães, muitas das vezes, as primeiras a perceberem e detectarem as características dos filhos que se assemelham às do autismo, considerando que estão presentes em quase toda a rotina dos filhos. A autora reforça a ideia de que ao descobrir que um filho tem TEA, se torna preciso que a família se acostume com uma rotina diferente e, consequentemente, se adequar às atividades praticadas no dia a dia.

A percepção de uma mãe atípica, diante do diagnóstico do filho, ao descobrir que o mesmo tem autismo, pode fragilizar o desejo da mãe e ser impactante e torná-la, junto com o filho, necessita de um apoio emocional e financeiro. Como discutido pela referida autora, muitas dessas mães são carentes de recursos financeiros, o que as tornam dependentes de políticas públicas, o que

posteriormente pode levá-las se sentirem inferiores por não poder fornecer ao filho esse apoio dos profissionais da área e o que a criança precisa (Biasi, 2023).

Em um estudo de Rodrigues (2012), com título: “Estresse materno e a influência da personalidade no enfrentamento do autismo: estudo de revisão” foi constatado que o estresse é uma experiência comum entre os pais de crianças com TEA. Diversos fatores contribuem para essa condição, incluindo a percepção da gravidade dos sintomas, as dificuldades na comunicação e no cuidado da criança, as alterações nas relações conjugais e as demandas da rotina familiar. O estresse, por sua vez, pode influenciar negativamente o bem-estar emocional dos pais, suas estratégias de enfrentamento e a qualidade de vida da família.

O diagnóstico de autismo pode gerar nas mães um misto de sensações, sobre isso, Pinheiro (2023) evidencia que o recebimento do diagnóstico de TEA pode despertar na mãe atípica sentimentos comparados ao processo de luto. A autora traz uma reflexão a ideia dos pais de idealizarem um filho que seria responsável por levar alegrias e realizações para a família, a referida autora reforça o fato de que se torna assim a responsabilidade da mãe, que é a “cuidadora primária” da casa.

Estudos revelam que mães no Norte/Nordeste enfrentam até 58% mais dificuldades para acessar serviços especializados comparado ao Sudeste/Sul (Lima et al., 2022). A escassez de profissionais no interior, força deslocamentos mensais custosos, agravando a vulnerabilidade financeira familiar. Muitas precisam migrar para centros urbanos, enfrentando solidão e instabilidade habitacional em busca de tratamento adequado para seus filhos.

O estudo de Rabelo e Alves (2022) revela que 89% das mães de crianças com TEA relatam sofrer pressão social constante para que seus filhos se comportem adequadamente em espaços públicos. Essa expectativa de normalização gera ansiedade antecipatória, levando muitas a restringirem saídas sociais. As autoras identificaram que escolas são locais privilegiados dessa pressão, onde 72% das mães ouvidas já foram cobradas publicamente por comportamentos atípicos dos filhos durante eventos escolares, resultando em sentimentos de vergonha e inadequação.

Rodrigues (2012, p. 45) descreve com precisão a complexidade do fenômeno:

O estresse parental no TEA configura-se como um fenômeno multidimensional, no qual fatores como a gravidade dos sintomas, as dificuldades comunicacionais e as transformações nas dinâmicas familiares conjugam-se para criar um estado crônico de tensão. Esse quadro, por sua vez, compromete tanto as estratégias de enfrentamento quanto a qualidade das interações pais-criança, estabelecendo um círculo vicioso que demanda intervenções especializadas (Rodrigues, 2012, p. 45).

Estudos recentes destacam que a construção de redes de apoio entre mães de crianças com TEA pode funcionar como fator protetivo contra o estresse parental, promovendo a troca de estratégias práticas e o fortalecimento emocional coletivo (Carvalho; Fernandes, 2021). Esses achados reforçam a importância de políticas públicas que incentivem a criação de grupos de apoio comunitários como parte integrante dos programas de intervenção precoce.

## **Impactos do adoecimento materno no desenvolvimento das crianças neuro atípicas**

Em um estudo elaborado por Costa (2017), a autora afirma que o vínculo entre mãe e criança é um forte influenciador do desenvolvimento da criança. A autora reforça sobre a relação entre a saúde mental estar fragilizada e o possível desenvolvimento de distúrbios psíquicos na criança. Dessa forma, consequentemente, entende-se que a qualidade de vida da criança é influenciada pela qualidade de vida da mãe, o que, no caso de mães atípicas se torna um fator importante a mãe estar bem mentalmente para o filho com TEA se desenvolver bem e aumentar sua qualidade de vida.

Ainda sobre o vínculo materno, Costa (2017) reforça a ideia de que a relação entre mãe e filho

se configura como um determinante para o desenvolvimento da criança. A autora evidencia que o estado emocional da mãe, bem como seus afetos com o bebê, servirá para garantir a qualidade de vida de ambos, considerando que estão ligados direta e indiretamente. Corroborando com isso, Coutinho et al., (2025), afirma que:

Mães com sintomas depressivos tendem a apresentar menor sensibilidade e responsividade às necessidades de seus filhos, o que pode resultar em padrões de apego inseguro. Em crianças com TEA, essa situação é ainda mais crítica, pois a falta de sintonia emocional pode agravar as dificuldades inerentes ao transtorno, como isolamento social e problemas de comunicação. Portanto, intervenções que visem à saúde mental materna são fundamentais para promover um ambiente mais favorável ao desenvolvimento infantil. (Coutinho et al., 2017, p. 102).

Em um estudo realizado por Ribeiro et al. (2018), foi constatado que o crescimento e desenvolvimento da criança é consideravelmente influenciado pela sua relação com os pais, levando em conta a necessidade do afeto e proteção, advinda do apego. Nesse sentido, entende-se que, conforme o referido autor discute, o estado mental dos pais, em destaque da mãe, é um fator determinante no desenvolvimento e aprendizagem da criança, em destaque das crianças com TEA, considerando que a mãe, ao estar em estado depressivo pode trazer malefícios para ambos.

Ribeiro et al. (2018), ainda evidencia que o apego seguro da criança com a mãe é crucial para o seu desenvolvimento. A qualidade desse vínculo, especialmente no contexto do TEA, é significativamente influenciada pela saúde que a mãe vivencia, podendo assim comprometer o desenvolvimento da criança, tendo assim o adoecimento materno um fator influenciador do processo de crescimento e desenvolvimento a criança neuro atípica.

O estabelecimento de um apego seguro em crianças com TEA depende não apenas das características da criança, mas também da capacidade da mãe em adaptar-se às suas necessidades singulares. Mães que recebem suporte emocional e orientação sobre como interagir com seus filhos tendem a desenvolver vínculos mais positivos, mesmo diante das dificuldades impostas pelo transtorno. Essa relação positiva pode funcionar como um fator protetivo para o desenvolvimento socioemocional da criança.” (Schmidt; Bosa, 2015, p. 78).

Conforme levantado pelos referidos autores, o adoecimento materno é considerado um fator de risco significativo para a qualidade do vínculo mãe-filho, comprometendo o desenvolvimento integral da criança, especialmente daquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A fragilidade desse vínculo pode ter consequências duradouras para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança.

Surge assim uma indagação sobre a possível influência parental na saúde da criança e na relação entre a saúde mental de ambos. Diante disso, Alves (2023) afirma que: “Sugere-se que filhos cujas mães sofrem de doença mental, têm uma maior possibilidade de vir a desenvolver também” (Alves, 2023, p. 20).

A relação mãe-criança no TEA configura-se como um sistema dinâmico que exige resignificação constante. Como destacam Schmidt e Bosa (2015, p. 81) “a construção do vínculo no autismo não segue os padrões neurotípicos, mas estabelece seus próprios códigos de interação, onde a qualidade da presença materna adaptada supera a quantidade de estímulos convencionais” (p. 81). Essa perspectiva redefine os parâmetros de desenvolvimento saudável, valorizando as conexões afetivas que respeitam as particularidades sensoriais e comunicativas do espectro autista.

## **Estratégias de enfrentamento mais utilizadas pelas mães para lidar com o estresse e o adoecimento**

Em um estudo realizado por Nascimento *et al.* (2015), sobre estratégias usadas por mães de crianças com paralisia cerebral (PC), a autora constatou que o comportamento das pessoas diante da condição de seus filhos, lhes geram o sentimento de impotência e de culpa, quando outras mães agem com preconceito com seus filhos e não permitem que seus filhos brinquem com a filha atípica da mãe em questão.

Nascimento (2015) constatou também que muitas das mães utilizam a família como fonte de apoio e reforça também que além ao se desenvolver, a criança com PC necessitava de mais gastos financeiros, o que poderia também vir das dificuldades de locomoção acarretadas pela paralisia cerebral (PC), que, desta forma também levaria às mães precisarem de apoio financeiro e emocional.

Smeha (2011) evidencia a importância da criação de estratégias de intervenção que possibilitem as mulheres de serem escutadas e terem uma rede de apoio. A autora ressalta a possibilidade que a psicologia tem de prevenir as mães atípicas de chegarem ao estado de adoecimento. Nesse sentido a autora propõe a criação de grupos para pais de crianças neuro atípicas, objetivando dispor a troca de vivências entre ambos.

É necessário que exista uma rede de apoio para amparar a essas mães, também como um suporte religioso, em muitos casos elas se apegam com a fé para conseguir continuar a luta pelos filhos. Diante disso, muitas delas buscam o que for preciso para ajudar o filho e amenizar suas angústias. Nesse sentido, entende-se que a família exerce papel importante no que se refere ao apoio emocional (Smeha, 2011).

Com base nos achados de Nascimento (2015) e Smeha (2011), é possível concluir que as mães de crianças com paralisia cerebral desenvolvem uma gama complexa de estratégias de enfrentamento para lidar com o estresse e o adoecimento. A criação de redes de apoio, a busca por suporte religioso e a importância da família emergem como recursos cruciais nesse processo.

(Almeida & Ribeiro, 2023) destacam que mães de crianças com desenvolvimento atípico desenvolvem um repertório complexo de estratégias adaptativas, que incluem desde a busca por redes especializadas de apoio até a criação de mecanismos pessoais de resiliência emocional, muitas vezes mediados por práticas culturais e comunitárias.

A transformação das políticas de apoio a mães de crianças atípicas exige centralizar seu conhecimento prático, convertendo estratégias cotidianas de enfrentamento em diretrizes institucionais culturalmente sensíveis (Almeida e Ribeiro, 2023).

Conforme é apontado por Cavalcante (2018), a fé religiosa opera como mecanismo multifuncional para essas mães, servindo simultaneamente como âncora emocional, rede concreta de suporte e estrutura de significado para reinterpretar os desafios diários.

Pesquisas evidenciam que mães de crianças atípicas transformam grupos virtuais em verdadeiras plataformas de cuidado coletivo, onde compartilham desde técnicas de fisioterapia caseira até estratégias para lidar com burocracias do sistema de saúde (Ribeiro, 2022). Essas redes digitais complementam o apoio familiar mencionado por Nascimento (2015), criando um ecossistema de sustentação emocional e prática.

Estudos demonstram que mães de crianças com condições específicas desenvolvem redes de apoio altamente segmentadas, onde 92% participam de grupos focados exclusivamente no diagnóstico de seus filhos (Costa, 2023). Essas comunidades funcionam como bancos de dados vivos, armazenando desde protocolos terapêuticos até estratégias para lidar com burocracias institucionais, com eficácia 43% superior a grupos genéricos de apoio parental.

Os grupos de apoio presenciais e online demonstraram reduzir em 58% os sintomas de ansiedade e em 47% os índices de depressão em mães de crianças com TEA, funcionando como espaços de validação emocional e troca de estratégias práticas (Oliveira; Fernandes, 2022, p. 134).

Como observa Fernandes (2023), a trajetória das mães nos grupos de apoio segue um

padrão evolutivo característico. Inicialmente buscando acolhimento para suas dificuldades individuais, muitas transformam-se em ativistas pela melhoria dos serviços de saúde, num processo que a autora denomina “empoderamento em espiral” (Fernandes, 2023, p. 115). Esse fenômeno é quantificável: os dados mostram que 55% das participantes desenvolvem projetos comunitários estruturados após dois anos de envolvimento nos grupos.

Segundo Esper et al. (2024), as mães de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento (TN) frequentemente adotam estratégias de enfrentamento diversificadas para lidar com o estresse e o adoecimento, embora algumas delas possam ser pouco adaptativas. O estudo destaca que, enquanto o apoio social e a troca de experiências em grupos como o “Prosa & Café” fortalecem a resiliência, estratégias como isolamento, autculpabilização e pensamento fantasioso tendem a agravar a sobrecarga emocional. Além disso, muitas mães recorrem à busca ativa por informações e redes de apoio especializado, mas enfrentam dificuldades devido à falta de preparo dos serviços de saúde.

A pesquisa de Esper et al. (2024), também aponta que a externalização dos sentimentos em espaços acolhedores ajuda a reduzir sintomas de ansiedade e depressão, comuns nesse contexto. Por fim, os autores enfatizam a necessidade de intervenções que promovam estratégias mais saudáveis, como a participação em grupos de apoio estruturados.

A experiência do Prosa & Café proporcionou aos participantes a oportunidade de socializar experiências, compartilhar aprendizados e divulgar conhecimentos provenientes do convívio familiar. Ao trocar recursos e vivências, os pais puderam fortalecer modos de ser e estar mais saudáveis junto aos seus filhos. Os resultados mostraram que a desconstrução de posturas hierarquizadas entre os participantes revelou atitudes mais proativas e participativas (Esper et al., 2024, p. 2).

Por fim, Almeida e Ribeiro (2023) ressaltam que as estratégias de enfrentamento desenvolvidas por essas mães devem ser valorizadas como diretrizes para políticas públicas: “As soluções criadas no cotidiano por essas mulheres—seja na organização de redes informais, na adaptação de terapias ou na pressão por direitos—devem ser centrais na formulação de políticas culturalmente sensíveis e efetivas” (Almeida e Ribeiro, 2023, p. 92).

## Resultados

A revisão sistemática da literatura revelou que mães de crianças com desenvolvimento atípico estão sujeitas a um alto nível de estresse e apresentam maior prevalência de transtornos de ansiedade e depressão. A percepção de estigma social e a falta de apoio social foram frequentemente citadas como fatores que contribuem para o adoecimento materno. Além disso, a gravidade dos sintomas da criança e as demandas do cuidado diário podem exacerbar o sofrimento psicológico das mães. Estudos anteriores demonstraram que o adoecimento materno pode afetar negativamente a qualidade do vínculo mãe e filho e o desenvolvimento socioemocional da criança.

A literatura também aponta para diversas estratégias de enfrentamento utilizadas pelas mães para lidar com o estresse e o adoecimento. A busca por apoio social, seja através de grupos de apoio, terapia ou redes sociais online, emergiu como uma estratégia fundamental. Além disso, a importância do autocuidado, como a prática de atividades físicas e técnicas de relaxamento, foi frequentemente enfatizada. A reestruturação da rotina familiar, a delegação de tarefas e a busca por apoio profissional também foram identificadas como estratégias eficazes.

Apesar dos avanços na pesquisa, ainda existem lacunas importantes a serem exploradas. É necessário aprofundar o estudo sobre os mecanismos pelos quais o adoecimento materno afeta o desenvolvimento infantil. Além disso, são necessárias mais pesquisas que investiguem a eficácia de diferentes intervenções para o bem-estar das mães e de suas famílias. A diversidade cultural e socioeconômica das famílias com crianças com desenvolvimento atípico também é um aspecto que merece maior atenção.

Esses achados reforçam a necessidade de abordagens integradas que considerem simultaneamente a saúde mental materna e as demandas específicas do desenvolvimento neuro atípico. Programas de intervenção precoces e políticas públicas direcionadas ao apoio familiar emergem como estratégias essenciais para promover o desenvolvimento saudável de crianças com TEA, destacando-se a importância de: (1) suporte emocional especializado para as mães, (2) orientações sobre comunicação adaptada, e (3) criação de redes de apoio comunitário.

Como destacam Schmidt e Bosa (2023), intervenções eficazes para famílias de crianças com TEA devem articular três eixos complementares: apoio emocional especializado, capacitação em comunicação adaptativa e fortalecimento de redes comunitárias – modelo que demonstra reduzir significativamente o impacto do estresse materno no desenvolvimento infantil

## **Conclusão ou considerações finais**

O presente estudo teve como objetivo compreender os processos de adoecimento físico e mental em mães de crianças com desenvolvimento atípico, buscando identificar os fatores de risco associados à pressão social e psicológica, com o objetivo de propor intervenções mais adequadas. Considera-se que o objetivo foi alcançado ao ser evidenciado que essas mães estão sujeitas a um alto nível de estresse, ansiedade e depressão, frequentemente associados à percepção de estigma social, à falta de apoio social e às demandas do cuidado diário.

A iniciativa também reforça seu compromisso com o ODS 4 – Educação de Qualidade, em especial com a meta 4.1, que visa assegurar que todas as crianças e jovens desenvolvam competências essenciais para seu crescimento. Ao proporcionar apoio pedagógico e fomentar a inclusão no ensino, o projeto colabora para um futuro mais justo e sustentável, destacando a importância da educação na diminuição das disparidades e na promoção de mudanças sociais positivas.

Os resultados corroboram a hipótese de que o adoecimento materno em tal contexto é um fenômeno multifatorial, com implicações significativas para a qualidade do vínculo mãe-filho e para o desenvolvimento socioemocional da criança. A identificação dos fatores de risco associados à pressão social e psicológica permite direcionar as intervenções de forma mais precisa, visando promover o bem-estar das mães e fortalecer as redes de apoio familiar.

Com base nos achados, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a compreensão dos mecanismos pelos quais as pressões sociais e psicológicas contribuem para o adoecimento físico e mental das mães, considerando a interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Além disso, é fundamental investigar a eficácia de diferentes intervenções, como grupos de apoio, terapias cognitivo-comportamentais e programas de educação parental, adaptadas às necessidades específicas dessas mães.

A implementação de políticas públicas que garantam o acesso a serviços de saúde mental e apoio social para essas famílias também é crucial. A criação de redes de apoio comunitário, compostas por profissionais de saúde, educadores e outros membros da comunidade, pode contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida dessas famílias. É fundamental que os profissionais da saúde e da educação estejam sensibilizados para as necessidades dessas mães e ofereçam um atendimento humanizado e acolhedor.

A partir dos resultados deste estudo, sugere-se que sejam desenvolvidos programas de intervenção multidisciplinares, que abranham as dimensões física, psicológica e social do cuidado. Esses programas devem oferecer suporte psicológico, orientação sobre manejo do estresse, informações sobre os recursos disponíveis na comunidade e oportunidades para troca de experiências entre as mães.

Em conclusão, o presente estudo contribui para a compreensão do adoecimento materno em contexto de crianças com desenvolvimento atípico e destaca a importância de desenvolver intervenções específicas para promover o bem-estar dessas mães. Ao identificar os fatores de risco e propor estratégias de intervenção, este estudo busca contribuir para a melhoria da qualidade de vida dessas famílias e para a promoção de um desenvolvimento infantil mais saudável.



[org/10.1590/1413-81232022271.00172021](https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.00172021).

PINHEIRO, Ana Carolina Ramos. **Uma Análise Psicológica do Impacto na Saúde Mental Materna no que Tange aos Processos que Permeiam o Diagnóstico de um Filho com TEA**. Trabalho de Conclusão de Curso. Uniderp. 2023

NASCIMENTO, Angélica Oliveira; FARO, André. Estratégias de enfrentamento e o sofrimento de mães de filhos com paralisia cerebral. **Salud & Sociedad**, v. 3, n. 6, p. 195-210, 2015.

RIBEIRO, Amanda Cristina Barbosa et al. **Prejuízo no Vínculo Mãe-Filho e Possíveis Consequências: Revisão Sistemática**. 2018.

RODRIGUES, Marianna Santos; FREITAS, Patrícia Martins. Estresse materno e a influência da personalidade no enfrentamento do autismo-estudo de revisão. **Psicologia Argumento**, v. 40, n. 110, 2022.

RABELO, A. A.; ALVES, P. C. “Ele só precisa de limites”: a pressão social por normalização de crianças autistas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 5, e00252121, 2022.<https://doi.org/10.1590/0102-311XPT002521>.

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em estudo**, v. 16, p. 43-50, 2011.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. A. O impacto do diagnóstico de TEA nas dinâmicas familiares: uma análise das preocupações maternas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 27, p. 41-56, 2021. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rbee/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. Apego e autismo: desafios e possibilidades na relação mãe-criança. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n. 1, p. 73-86, 2015.

Recebido em 15 de setembro de 2024

Aceito em 10 de novembro de 2025